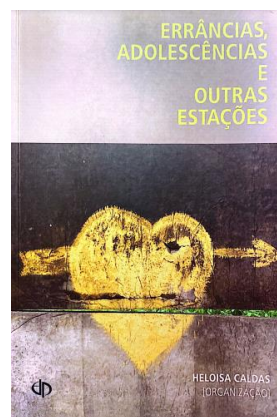


Lola♦



Referência

Vieira, M. A. Lola. In Errâncias, adolescências e outras estações: Caldas, H (org). EBP Editora, Belo Horizonte, 2016.

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

mav@litura.com.br

www.litura.com.br

O dia é legível, a noite ilegível. O escritor é quem lê a noite.

Marguerite Duras (entrevista a Veja 17/7/85)

Notícia de Jornal

Chico Buarque

Composição: Luis Reis / Haroldo Barbosa

Tentou contra a existência
Num humilde barracão.
Joana de tal, por causa de um tal João.
Depois de medicada,
Retirou-se pro seu lar.
Aí a notícia carece de exatidão,
O lar não mais existe
Ninguém volta ao que acabou
Joana é mais uma mulata triste que errou.
Errou na dose
Errou no amor
Joana errou de João
Ninguém notou
Ninguém morou na dor que era o seu mal
A dor da gente não sai no jornal.

♦ Este texto retoma boa parte do quarto encontro do Seminário “Lições da Loucura”, ocorrido no Instituto Philippe Pinel em 2007. Agradeço a Leandro Reis pela transcrição e a Vera Ribeiro pela leitura precisa, correções e comentários.

A dor da gente não sai no jornal. Ainda mais como a de Joana: da perda de tudo. Mas não só a dor. O amor, quando desesperado, também faz parte do que não se escreve. Quando não tem remédio, nem nunca terá, quando não tem alívio, com todos os quebrantos, toda alquimia, chega a se soltar do amado e insistir por si só, deixando tudo desabitado. Joana sabe que errou de João, mas não sabe mais como dar lugar às coisas da vida diante de tudo o que com ele se desencadeou.

É exagero? É possível realmente perder tudo? Ficar sem mesmo uma história, ou um nome ao que se agarrar? Só considerando seriamente o quanto a vida tem de um fundo radical e absoluto sem sentido, lastro do que Freud chamou sentimento oceânico. Ele nem sempre se contenta em ficar lá, abissal. Desatrelado, pode tornar-se furacão que leva tudo, até o abrigo das palavras, nos deixando sem ter para onde voltar.

Na devastação a que Joana nos introduz, Lola Valéria Stein, personagem de Marguerite Duras, é guia. Especialmente porque Lola consegue sucesso onde Joana se perde e, mesmo inteiramente exilada de si, refaz o laço perdido com o mundo.

O arrebatamento de Lol V. Stein narra esse caminho em três tempos: o do furacão da perda total, o de um longo tempo de errância em que *Lol* (como Lola se denomina) fica estritamente no ar, e finalmente a construção de uma cena em que se reconstitui para Lola um abrigo.¹

O baile

Tudo gira em torno de um baile. Nele, Lola, aos dezenove anos, pela primeira vez em uma grande festa, diante de toda sociedade, tudo perde quando seu noivo lhe é arrebatado por outra. A cena é descrita no detalhe e sem um diálogo sequer, apenas olhares entre seus quatro participantes: Lola, Michael Richardson, seu noivo, Tatiana Karl, sua amiga, e Anne Marie Stratteger, mais velha e, ao menos aos olhos de Michael, deslumbrante em seu vestido negro.

A inclusão desse jogo de olhares talvez seja o primeiro passo de Duras para dar lugar ao que o jornal não publica. De fato, se fosse narrar o acontecido, o cotidiano diria algo como:

Ontem nosso balneário viveu momentos de inesquecível beleza no baile das debutantes do verão. O alvo salão principal do Cassino povoou-se com as famílias mais representativas de nossa comunidade e de suas jóias mais brilhantes, as jovens moças que se apresentavam à sociedade. Exibindo seus vestidos especialmente preparados para a ocasião, elas eram, na flor da idade, a certeza de que o futuro encerra dias de fausto e elegância para nossa cidade. A valsa, conduzida pelo Maestro Jules Lacue, fez jus às belezas em termos de ritmo e jovialidade (...). Ao final das festividades, muitos eram os que não queria partir, como por exemplo a jovem Lola Valerie Stein, 19, que teve que ser retirada do salão praticamente à força por sua mãe, pois insistia que o baile ainda ia prosseguir, mesmo a orquestra já tendo se retirado. O que um pouco de emoção e alguns drinques não podem fazer à uma juventude que freme de viço! Nada disso, porém, empana o brilho de uma *soirée* tão intensa que contou com o discurso empolgante do Prefeito proclamando: “Caros concidadãos”....

Extrato de *A gazeta de T. Beach* (de 15/08/1954)

A cegueira do Jornal é estrutural. Não há como dar lugar ao singular no discurso comum. O que viveu Lola? Jamais saberemos. Duras, contudo, nos ajuda ao lhe dar um nome: arrebatamento. Tanto é êxtase, deslumbramento, como “tomar de assalto”, “raptar”. De fato, muitas vezes nada mais há a tirar de nós quando nos levam alguém especial. Como faz Anne-Marie Stratteger com Lola. Como era Anne-Marie?

Era magra. Havia vestido sua magreza, lembrava-se claramente Tatiana, com um vestido negro de forro duplo, de *tulle*, igualmente negra, bastante decotada (10)

Michael, sem uma palavra, a toma para dançar em um enlace que segue durante todo o baile.

Dançaram e dançaram ainda, num rodopio sem fim, arrebatados naquele encontro (13).

Saíram quando a orquestra parou, mas não Lola, vítima de um “desaparecimento aveludado de sua própria pessoa” (50).

Quando sua mãe chegou perto de Lol e a tocou, Lol enfim largou a mesa. Ela havia compreendido somente naquele instante que um fim se desenhava, só que confusamente, sem distinguir exatamente qual seria (15).

Gritava que eles iam voltar, mesmo quando o sol já ia alto. Perde os sentidos e passa dias prostrada no quarto em um “sofrimento sem sujeito” (23), assinalado por uma nova nomeação.

Depois, Lol parou de reclamar do que quer que fosse. Cessou até mesmo, pouco a pouco, de falar. Sua cólera envelheceu, se desencorajou. Ela só falou para dizer o quanto era-lhe impossível exprimir, o quanto era tedioso e comprido, comprido ser Lol V Stein (16). Pronunciava seu nome com raiva, Lol V. Stein, era assim que se designava (16)

Lol louca

Pode-se tomar a reação catastrófica de Lola na cena do baile como a marca de um excesso patológico que teria rompido todas as barreiras. O enlouquecimento de Lola Valeria Stein, do desencadeamento na cena do baile ao tempo de latência e da eclosão de um delírio à reconstrução do laço, se enunciará, agora em um jornal brasileiro de psiquiatria, assim:

Paciente de 29 anos, internada por um surto delirante (transtorno polimórfico agudo com sintomas de esquizofrenia, CID F 23.1), com duração de uma noite. A família relata um episódio de despersonalização, desrealização e estado crepuscular ocorrido há dez anos, quando de um baile em que seu noivo a deixou por outra, com uma provável reação aguda ao stress (F 43.0) ou stress pós-traumático seguido de um episódio depressivo maior (F 32.2) logo após o evento. A melhor amiga, destaca ainda uma personalidade pré-mórbida, tipo esquizóide.²

Este esforço de nomeação pode ser extremamente bem sucedido quanto a definir parâmetros e condutas, mas não nos livra de reencontrar a estranheza que faz o próprio da psicose em outro plano. De seus paradoxos e ambigüidades, por exemplo. Afinal, mesmo falando da invasão de uma patologia agindo sobre uma predisposição genética, Lola teria sido vítima da invasão devastadora da loucura, ou enlouquecido por perder as amarras da razão?

Corpo e gozo

Lacan toma o partido da ambigüidade, da paradoxal posição extrema da loucura, de uma “exterioridade com relação ao simbólico” que, no entanto, em nada seria exterioridade ao humano. Lola não está fora do mundo dos nomes, apenas os vê como “de fora”, se serve deles como cascas vazias, e não como faríamos nós, acreditando que eles às vezes apreendem algo do real. É o que faz Lacan afirmar que a loucura é o “limite interno da razão”. Por outro lado, e por isso mesmo, a vida, como a “vida nua” de Agambem³, para Lola, pode ser o que “invade, arde e fim”, e que Lacan chama *gozo*.

O gozo não é nem bom nem mau, apenas, em si, demais e, demasiadamente presente, mortífero. Ao mesmo tempo, dele Lacan faz a substância da vida, desde que condensado, localizado. Um texto, como uma existência, sem gozo é um texto sem substância.⁴

A questão será, então, não a de barrar o gozo (pode-se barrar a vida?), mas de lhe dar lugar mais ou menos delimitado. É o que instaura a possibilidade de refazer as “taciturnas

núpcias” do corpo (L-205), vestido vazio, pura imagem dada pelo Outro, com essa coisa indescritível que costumamos chamar de vida.

É nesse limite que toca uma análise, na junção entre gozo e discurso construída para cada um a partir das exigências e ofertas do Outro, acrescidas de altas doses de contingência. A conexão entre corpo e gozo dá vida ao primeiro ao fazer dele “leito” para o segundo. Lacan a situa como uma montagem, “montagem da pulsão” diz ele, sem o que não há satisfação, apenas deserto ou inundação (L-357). Vale, por isso, torcer um pouco a metáfora de Lacan e pensar este leito como o de um rio, que faz o gozo, desaguando no corpo, passar de oceano a seiva vital, de angústia a desejo.

Sem essa montagem, o corpo é pura estátua construída pelo que o Outro nos foi informando quanto ao que deveríamos ser - como as tantas que habitam a revista *Caras*. Por isso, para Lola, após o baile, seguem-se dez anos de uma existência meio sem corpo. Um corpo do outro, mas não dela. Como tinha sido, antes de Michael:

Tatiana não acreditava no papel preponderante deste célebre baile de T. Beach na doença de Lol V. Stein (...) ela retrocedia as origens da doença até um momento anterior, antes mesmo da amizade entre elas. Estas origens estavam ali, em Lol V. Stein, incubadas, mas impedidas de eclodir pela grande amizade que sempre a havia envolvido em sua família e em seguida no colégio. No colégio, diz Tatiana - e não era a única a pensar - faltava já algo a Lol para estar ali. Ela dava a impressão de suportar, com um tédio tranquilo, uma pessoa com quem ela devia parecer, mas de quem perdia a lembrança a cada mínima situação (8). Era uma maravilha de doçura e indiferença, mudava de amigas, nunca lutava contra o tédio, nunca uma lágrima de moça (60).

Mais tarde Lola poderá colocar em ação uma montagem que resolve o impasse do deserto do gozo. No quesito produção de soluções singulares o psicótico é mestre. É próprio da loucura, habitar este ponto em que o infinito afoga toda referência. Engenheiro dos limites, às vezes exilado no além, às vezes imperador sem súditos do insensato em nós, ensina sobre este impossível vai e vem entre o real e seus nomes e sobre as possíveis soluções de enlace que vai tentando ao longo de sua existência com mais ou menos sucesso.

Ficção

Para nos transportar a esses confins, Freud e Lacan elegem o ponto de vista do romance. O que na vida é confusamente pressentido, atrapalhado por tantos acontecimentos, aqui pode ser claramente destacado. É possível ser radical como as sereias, como os anjos de Win Wenders, ou simplesmente como a moça que em desespero rasga a roupa que não lhe servira para a festa ou ainda aquela menininha infinitamente desconsolada porque seu vestido se rasgou.

Além disso, é possível criar atalhos, longas passagens e décadas são transpostas em um segundo. É o que permite a Marguerite fazer com que Lola, exatamente no primeiro dia em que sai de casa, encontre Jean Bedford (25) que, entre condoído e encantado com essa moça diáfana, lhe beija e pede em casamento sem tê-la visto uma segunda vez (30).

Ele amava aquela mulher, Lola Valerie, aquela calma presença a seu lado, aquele jeito como se dormisse em pé, aquele apagamento contínuo que lhe fazia ir e vir entre o esquecimento e os reencontros com sua lourice [*blondeur*], deste corpo de seda que o despertar nunca mudava, desta virtualidade constante e silenciosa que ele nomeava sua doçura, a doçura de sua mulher (24).

A figuração, neste sentido, é mais real que a realidade, porque retira dela tudo o que é miscelânea de pequenos vividos, que poluem os momentos cruciais com seus excessivos matizes acumulativos, e lhe confere o aguçado do corte. Assim se entende como “em sua matéria o artista sempre precede o analista” (L-200).

Mas o essencial é que “a prática da letra converge com o uso do inconsciente” (*ibid*), já que ela visa exatamente o ponto de conexão entre saber e gozo - palavra impronunciável -, além de conseguir dar lugar a esse impossível do dizer, nas entrelinhas, no entreletras. É o que afirma Duras com sua palavra-furo.

Mas o que ela acredita (...) que teria sido para sempre, para sua cabeça e seu corpo, sua maior dor e sua maior alegria confundidas até em sua definição tornados únicos, mas inomináveis por falta de uma palavra (...). Teria sido uma palavra-ausência, uma palavra-furo, escavado em seu centro um furo, este buraco em que todas as outras palavras teriam sido enterradas. Ele não poderia ser dito, mas poderia ser ecoado. Imenso, sem fim, um gongo vazio, ele teria retido aqueles que quisessem partir, lhes teria convencido do impossível, ele lhes teria ensurdecido para qualquer outro vocábulo que não ele mesmo, pois em uma vez lhes teria nomeado, eles, o futuro e o instante (35).

A dor não sai no jornal, não se escreve, mas pode se inscrever pela escrita. Nas palavras de Marguerite: “O dia é legível, a noite ilegível. O escritor é quem lê a noite” (Veja, 17/7/85).

Errância de uma estabilização vazia

Mas essa palavra-gozo ou suas figurações não saem na foto. Apesar do que vendem os *reality shows*, a conexão entre corpo e gozo é sempre impúblicável. Não pode ser vislumbrada, a não ser por tabela. É uma zona de fronteira entre o indizível do gozo e o explícito do corpo. Por isso são sempre um pouco estranhos os seres que ali pululam. Dos anões às mulas sem cabeça, eles serão necessariamente figurações híbridas do que objeto ao consenso e não sai em *Caras*. Sem eles, porém, nada de prazer.

É o que falta a Lola em seus dez anos após o baile. Nada nos surpreende agora no paradoxo de que, ao tudo perder, ela torna-se dona de casa exemplar:

Uma ordem rigorosa reinava na casa de U. Bridge (33) A arrumação dos quartos, da sala, era uma réplica fiel das vitrines da loja (...) Lol imitava, mas quem? Os outros, todos os outros, o maior número possível de pessoas. A casa, à tarde, na sua ausência, não era um palco vazio onde se encenava o solilóquio de uma paixão absoluta da qual o sentido lhe escapava (24)

Por fazer do desejo de alguém sua âncora no mundo, ela será mais normal que os normais. A mulher perfeita, nunca frustrações ou demandas excessivas. Sempre atenta. Dócil deambulante, ela é, porém, mesmo dona de casa, errante como tantos pacientes que encontramos no pátio do manicômio a nos pedir cigarros ou nas ruas a recolher e remexer detalhes em seus sacos de restos.

Injustas acusações contra essa espécie de demenciação são atiradas todos os dias por nós, *psis*, contra a medicação. Desde sempre, desde Kraepelin e sua *demência precoce*, esse desgarramento da loucura foi sinônimo de esvaziamento do corpo e da mente, hemorragia vital, que pode deixá-los essencialmente vazios.

O ser a três

O baile tremulava ao longe, antigo, único destroço em um oceano tranquilo, na chuva em S. Tahla (...) Só restava daquele minuto seu tempo puro, de uma brancura de osso (33)

Era preciso emparedar aquele baile, dele fazer o navio de luz no qual a cada tarde Lol embarca, mas que fica ali, naquele porto impossível, para sempre atracado o navio, pronto para partir com seus três passageiros (35)

E la nave va...

Tudo muda, porém, quando, por conta do trabalho, a família se muda de volta a S. Tahlá. Inicialmente Lola passeia ao acaso, as ruas a levavam (39). A cena de um casal na rua, trocando um beijo culpado, com a possível referência a algo muito próximo de sua história, desencadeia toda uma movimentação de Lola que retoma o contato com Tatiana, se insinua junto ao amante dela, Jacques Hold, e recria na realidade uma complexa cena que a permite reinserir-se no circuito do desejo.

Para acompanhar a reestruturação de Lola é preciso, segundo Lacan, “contar três”. Ela vai criar um “ser a três”, composto por Tatiana, Jacques e ela. A cena é a seguinte: é preciso que ela participe do que acontece no quarto de motel em que Tatiana encontra seu amante. É preciso que ele saiba que Lola está logo ali, abaixo da janela, deitada no campo de canteiro que margeia o *Hotel des Bois*.

Lacan lembra-nos o valor de montagem subjetiva desta cena:

O clichê seria “ela repete o acontecido” [mas] Não é o acontecimento e sim um nó que se reata aí. E o que é reatado por esse nó é exatamente o que arrebatava (L-199).

Sobre a nudez

É como nudez que Lol falará do abismo.

O vazio é Tatiana nua (...), o fato. Ele se transforma, se prodigia, o fato não contém mais o fato. Tatiana sai dela mesma, se espalha em todas as janelas abertas, sobre a cidade, sobre as ruas lama líquida, maré de nudez (87).

Os homens riem. Para eles sempre haverá alguém em algum lugar com algo melhor em mãos, donde sempre lhes falta algo.⁵ Habitados por esta falta, podem acreditar em seu corpo, já que ele estará sempre limitado, ao norte por seu superior hierárquico, por exemplo, ao sul por seus filhos. As mulheres sabem o quanto o corpo pode pregar peças, pois seus limites não estão dados de antemão. Para elas a nudez é coisa séria.

Hoje, a nudez aparece ligada a um puritanismo retrô que parece só resistir sob a forma do fundamentalismo. A primeira dama da Turquia, um dos poucos países do oriente Médio de tradição laica, que faz a identidade nacional, e que acaba de eleger seu primeiro presidente praticante do islamismo radical, afirma: “O véu cobre meu rosto, mas não meu cérebro”. Isso já indica o quanto cobrir e descobrir o corpo, tal como os segredos da Amazônia, pode ser uma questão de soberania nacional.

O vazio amazônico do corpo deve ser parcialmente coberto, senão este último pode torna-se uma estátua de sal. O jogo do véu é feito justamente para ocultá-lo. Tal como o oleiro que trabalha o vaso, ou o agalma de Lacan, o indizível fica aprisionado em algum lugar dentro.⁶ É assim o modelo do corpo para o homem. Em algum lugar lá dentro do peito o vazio, oculto, para sempre fora de alcance, residiria nossa essência.

Com que roupa?

Não é esse o modelo de Lol. Tudo começa com um vestido. Com que roupa eu vou? Como ser sem alguma roupa? Vivemos com a certeza de que sob todas as túnicas existe o corpo. Fazemos de sua pele nosso abrigo mais íntimo, ou ainda, no mais íntimo, a alma. Mas e se a alma não é um dado de partida? E se ela tiver que ser construída? As mulheres costumam saber o que é isso mais do que os homens que têm muitas dificuldades em entender a paixão por um vestido.

Sua montagem se funda em um efeito de desdobramento. Não só a vestimenta correta faz uma verdadeira mulher. É preciso um olhar, não qualquer um, que diga “sob este vestido está a mulher que desejo”. É o que fará com que roupa e corpo se unam e fará daquilo que está por baixo da roupa, monte de carne e ossos à espera do veredito, um corpo.

Houve tempo em que bastava um olhar, e de um só homem, para definir o que seria a boa roupa. O correto personagem, o marido. Mesmo naquele momento, algo escapava e fazia de Emma Mme Bovary, sempre além. O marido estava fadado a perder o gozo que ele vinha fixar, limitar. Muitos, hoje, preferem o olhar da multidão. Mas quantos olhos conquistar a cada dia? Será preciso se entregar ao moinho industrial de olhares de nossos dias no estilo dessa propaganda recebida por e-mail?

Desde 1988 a Estilista Anne Marie Stratter vem aprimorando a sua arte na criação de vestidos para festas e eventos sociais, que valorizam a beleza da mulher brasileira. A utilização de bordados manuais e pinturas artesanais dos tecidos conferem beleza e personalidade às suas criações. A sensualidade feminina é sugerida de forma discreta e as peças possuem caimento perfeito.

ROUPAS SOB MEDIDA e muito estilo: Casamentos, Formaturas, Jantares, Eventos Sociais. Conheça a nova Coleção Império da Estilista Anne Marie Stratter . Visite a nossa Loja Virtual. Compre pela Internet. Enviamos para todo o Brasil e Exterior. Escolha o modelo e a cor na nossa Loja Virtual. Envie-nos as suas medidas: busto, cintura, quadril, sua altura e o comprimento total da peça desejada. Você receberá a sua peça com caimento perfeito: feita exclusivamente para as suas medidas. Prazo: de 7 a 30 dias dependendo da peça escolhida e quantidade de unidades compradas.

Uma visão

Lola elege alguém para ser aquele que enxerga, por seu desejo e não por seu papel na instituição casamento, sob o vestido um corpo. A partir de um vestido, outro se faz sob ele e, com os dois juntos, um corpo pode ser delimitado. Não será “um vestido” + “a nudez como tal”, mas sim o enlace de dois vestidos: a cabeleira negra de Tatiana e o que lhe vai embaixo. Apenas compostos os dois compõem um corpo.

Para isso, porém, é preciso alguém que deseje ver o primeiro sob o segundo. O que articula os dois vestidos é o olhar de desejo de Jacques Hold.

O homem de T. Beach só tem uma tarefa a realizar, sempre a mesma no universo de Lol : Michael Richardson, cada tarde, começa a desvestir uma outra mulher que não Lol e quando outros seios aparecem, brancos, sob a pele (combinação – lingerie, *foureaux*) negra, ele fica ali, deslumbrado, um Deus abandonado por esta nudez (37)

Ele, como narrador, “não é um simples apresentador da máquina, mas antes, uma de suas engrenagens”, que Lacan definirá como sujeito (L-199). O sujeito, aqui, não mais se situará dentro do peito, mas fora, entre dois.

Jacques poderá, então, apaixonado por Lola, reencontrar o desejo por Tatiana que estava prestes a abandonar, reencontrar “sua beleza irreversível, e o esquecimento que ela proporciona”, ser inteiro, inteiramente sujeito, nesse momento de divisão.

Seu corpo de menina, sua ferida, sua calamidade bem-aventurada *bienheureuse*, ele chora, ele pede o paraíso perdido de sua unidade, ele chama sem cessar, de agora em diante que o consolem, ele só é inteiro em uma cama de hotel (59).

A mancha

Vamos contar, portanto, quatro e não três:

1. Um vestido, a imensa cabeleira negra de Tatiana
2. Seu corpo nu, quando o primeiro (des)cobre o segundo, desaparece o furacão da nudez absoluta, aquela que encontrara Lola no baile e Joana ao perder João, aquela por nós sonhada nos sonhos de vergonha em público. O vestido preto (a cabeleira de Tatiana) se levantaria e revelaria a indizível nudez que, como a palavra faltante, chegaria finalmente (L-201). A palavra chegaria, mas não chega, apenas seu eco, na intensa beleza da brancura de um corpo que agora será desejável.

3. Um sujeito que deseja e que articula um corpo à nudez, apagando a cisão de até então (a de vestido vazio, de um lado e do indizível da vida, de outro).

O nó é selado com a frase: “Nua sob seus cabelos negros, nua, nua, cabelos negros” (86). Mas são quatro e não três. É preciso incluir Lola, deitada no campo de centeio.

Era impensável para Lol que ela estivesse ausente do lugar onde este gesto aconteceu. Este gesto não teria lugar sem ela: ela é com ele carne com carne, forma com forma, os olhos selados em seu cadáver. Ela nasceu para vê-lo. Outros são nascidos para morrer. Este gesto, sem ela para vê-lo, morre de sede, se esvai, cai. Lol fica em cinzas (49).

Ela não vê. Como dirá Lacan, ela não é *voyeur* (L-202). Essa montagem não é perversa. Lol não tem prazer, apenas consegue ser. Ela mesma desaparece.

A janela, este espelho que nada refletia e diante do qual ela devia deliciosamente sentir a evicção repentina de sua pessoa (124)

Basta para ela saber que Hold sabe e que, tocado por isso, é sujeito de um desejo intenso.

Este instante de esquecimento absoluto de Lol [os dois à janela no quarto do Hotel], esse clarão diluído, no tempo uniforme de sua espreita, Lol quis que ele fosse vivido e ele o foi (92)

Difícil presença disforme, mas decisiva. Este quarto elemento, a presença de Lola para Jacques é o que Lacan denomina mancha. A mancha é a forma de presença em cena do objeto *a* (L-202), garantia única de alteridade do Outro.⁷ Pura presença tornada objeto. Dada essa presença (1), algo permite que um sujeito (2), puro furo, estabilize a articulação entre dois vestidos, ou entre os cabelos (3) e a nudez (4).

O romance de Duras nos ensina a ver o objeto *a* em ação, na cena, mas sem ser ele mesmo o objeto do desejo. A “lourice acinzentada” de Lola, deitada no campo é “uma transparência que olha” (116). Ele se inclui na cena como uma mancha, mas ao mesmo tempo como causa de tudo o que ela realiza.

Bela Lola

Assim Lola se estrutura novamente. Consegue endereçar sua intensidade de furacão adormecido para alguém ou alguma coisa e ganhar um lugar no Outro com um desejo que agora é seu. Sua estabilização é frágil, mas lhe permite dizer:

Estou menos longe que antes, passei pela cidade procurando um lugar para colocar este corpo. Durante longo tempo tentei colocá-lo em outro lugar do que o que ele deveria estar. Agora sinto que me aproximo de um lugar em que ele seria feliz (129)

Na suave inquietação que desperta em nós, Lola é intensamente bela. Sua beleza, porém, não é como a de Antígona ou de Estamira, que têm a dignidade das guerreiras, de quem enfrentou as forças do universo e encontrou, por exemplo com o delírio, um portal entre o aqui e o além. Estamira nos arrebatava em sua ruptura magistral, Lola nos encanta como artífice do encontro, do *ton sur ton*, da costura do brilho mais puro com a negra fúria.

Opõem-se, aqui, como faz J-A. Miller, a estética trágica do ato e a elegância do artesanato, que se destaca do último ensino de Lacan como verdadeira estética dos nós.⁸ As tecedeiras conhecem a beleza do gesto que enlaça. Firme e lento arremate presente em cada ponto de uma vida, cada um absoluto sem que em nenhum aja o fim. Para nós, Lola é essa costura, tão nua quanto integralmente vestida (L-559).

Que na brancura de seu corpo suas pintas não nos enganem, elas são apenas variações de luz, como os grãos de areia da praia e as estrelas da Via Láctea, que instituem, por trás de si, o breu de Deus.

¹ Duras, M. *O deslumbramento*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986 (as referências serão fornecidas no que segue pelo número da página). O texto de de Lacan é “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003; grafado apenas como “L” e o número da página).

² Para um estudo detalhado sobre as relações entre o “caso” Lol V. Stein e a psicose, remeto o leitor à Elisa Alvarenga (Alvarenga, E. “O paradigma Lol V. Stein”, *A escrita em psicanálise: almanaque de Psicanálise e Saúde Mental do Instituto de Psicanálise de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5: 57-66, nov/2002). O laudo psiquiátrico é inspirado na ironia de Bogochvol, A. (“O caso Lol: o arrebatamento de Lol V. Stein”, *Correio, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 37, 2002).

³ Agamben, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

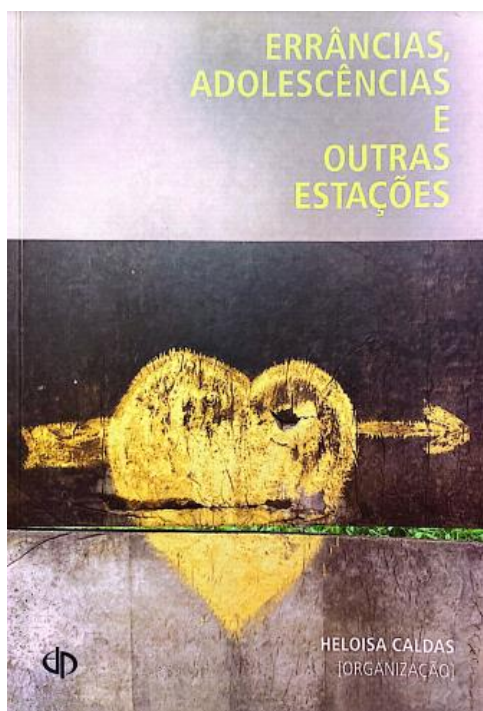
⁴ Lacan, J. *O Seminário, livro 20, Mais, ainda*, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 35.

⁵ Cf. Ana Lúcia Lutterbach-Holck (*Patu*, Rio de Janeiro, Subversos, 2008).

⁶ Lacan, J. *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 151-152 e O seminário, livro 8, A transferência, Rio de Janeiro, JZE, 1992, p. 139.

⁷ Cf. Vieira M. A., *Restos*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, glossário: verbete “objeto”.

⁸ Cf. Miller, 2007, “Nota passo a passo”, in: Lacan, J. *O Seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 243.



DERIVAS 249

- 239 Criação e sublimação
Romildo do Rêgo Barros
- 248 A questão da errância: uma comparação entre *A leste do Éden*, de J. Steinbeck, e *Os não-tolos erram*, de Lacan
François Sauvagnat
- 276 Lola
Marcus André Vieira
- 293 O cinema é para os tolos
Marcela Antelo
- 307 "Um sexo sem qualidades" ou sobre a errância sexual contemporânea
Márcia Rosa
- 321 Psicanálise e escrita: a errância em Primo Levi
Lucíola Freitas de Macêdo
- 338 Os escritos ordinários de Robert Walser: o ser invisível e suas des-(amarrações)
Laura Lustosa Rubião